

VERITAE

TRABALHO PREVIDÊNCIA SOCIAL SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO

Orientador Empresarial

ARTIGOS

O EMPREGO EM 2016

Em 2015, o Brasil perdeu cerca de 1,5 milhões de empregos formais. Foi um resultado avassalador, lembrando que, em 2010, o Brasil gerou 2,5 milhões de novos postos de trabalho. Saímos assim da era do apagão de mão de obra para entrar em cheio na era do apagão de empregos.

Por Prof. José Pastore
Texto elaborado em Janeiro/2016.*

Gostaria de encontrar elementos de realidade para poder oferecer ao leitor um pouco de otimismo para o quadro do emprego em 2016. Infelizmente, os dados disponíveis me levam a uma previsão sombria. Isso porque os determinantes do emprego em 2016 não estiveram presentes em 2015. Ao contrário, os investimentos caíram. Os contratos das empresas da infraestrutura minguaram ou se encerraram em definitivo em consequência de condenações por corrupção. A indústria de transformação, agonizante, encolheu ainda mais. Projetos de expansão foram adiados. Isso tudo terá grave reflexos na geração de empregos em 2016.

Em 2015, o Brasil perdeu cerca de 1,5 milhões de empregos formais. Foi um resultado avassalador, lembrando que, em 2010, o Brasil gerou 2,5 milhões de novos postos de trabalho. Saímos assim da era do apagão de mão de obra para entrar em cheio na era do apagão de empregos.

No passado recente, uma parcela expressiva dos jovens decidira trocar o emprego por uma permanência mais alongada na escola. Entre os idosos, muitos desistiram de trabalhar para viver da aposentadoria e de programas sociais generosos. Para os dois grupos, como de resto para todos os brasileiros, inflação em queda e salários em ascensão fizeram aumentar o seu poder de compra.

O quadro mudou drasticamente em 2015 e de forma acelerada. Os que decidiram não trabalhar foram forçados a procurar trabalho. O desemprego subiu abruptamente para a casa dos 7% e até mais. A inflação, que ficou bem comportada até 2014, em torno de 6%, disparou repentinamente, chegando a mais de 10% no final de 2015. Resultado: grupos imensos

perderam emprego e poder de compra, passando a sofrer as agruras da *estagflação*, o que fez evaporar os seus sonhos de mobilidade social.

Os agentes econômicos foram impotentes para superar os problemas apontados. As empresas usaram no limite as possibilidades de manter seus empregados, concedendo férias e licenças ou colocando-os em *lay off*. Nada disso adiantou. No início do segundo semestre de 2015, a contragosto, tiveram de promover demissões em grande escala. O Programa de Proteção ao Emprego do governo federal e que atendeu 45 mil trabalhadores revelou-se anêmico em vista dos 9 milhões de brasileiros que amargaram o desemprego em 2015. A própria contratação de trabalho temporário para as festas de fim de ano revelou-se insignificante.

Quando se juntam todos esses dados, só posso antever um início de ano (2016) com muitos problemas para a família brasileira. A volta das férias pode trazer tristes surpresas para os empregados que serão despedidos abruptamente como reflexo do mau desempenho das empresas em que trabalham.

Isso tem levado a grande maioria dos analistas a prever a elevação da taxa de desemprego em 2016 para o patamar de 10%, atingindo mais de 10 milhões de brasileiros.

O que poderia reverter esse quadro no primeiro semestre de 2016? Nada, porque os seus determinantes foram dados em 2015. Dificilmente, o setor da construção – um dos mais afetados por demissões em massa – dará uma guinada naquele semestre. Igualmente improvável é uma reversão da crise que assola o setor automotivo.

Se nada disso ocorre com esses dois setores, pouco mudará o quadro crítico das empresas que fazem parte de cadeias produtivas enormes e que respondem pelos insumos essenciais daqueles setores. Em muitos casos, pequenas e médias empresas produtoras dos referidos insumos já desativaram grande parte da produção como é o caso de materiais de construção, autopeças, chegando até à mineração e siderurgia.

Na crise atual, poucos ficaram fora dela. Até mesmo o setor de alimentos apresenta quedas de venda e de emprego o mesmo ocorrendo com os serviços pessoais que sempre resistiram às crises. Com isso em mente, pouco se pode esperar do desempenho desses setores no primeiro semestre de 2016 quando a inflação deve se manter em alta e o emprego em baixa.

O que dizer do segundo semestre de 2016? Pode ser que com uma possível reativação do crédito aos consumidores venha a estimular as vendas de produtos básicos, eletrodomésticos de menor valor, materiais de construção para reformas e alguns serviços pessoais. Mas, dificilmente haverá recursos e tempo para uma reversão dos setores da construção e do automotivo com reflexos na geração de empregos. Tudo indica que a crise nesses setores vai se arrastar ao longo de todo o próximo ano.

Isso me leva a confirmar o que disse no início deste artigo: não tenho elementos objetivos para antever um 2016 com melhores condições de emprego e de renda para a família brasileira. Oxalá o ano venha a ser marcado pelo início das reformas estruturais que podem garantir um quadro melhor a partir de 2017.

****José Pastore é professor da Universidade de São Paulo, Presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP e membro da Academia Paulista de Letras.***

Artigo publicado no Jornal Correio Braziliense, em 06.01.2016.

Texto divulgado por VERITAE, em Edição DESTAQUES 2016 e publicado no site www.veritae.com.br, Seção ARTIGOS.

As opiniões expressas nesta Seção são de responsabilidade de seus Autores, sendo, a divulgação por VERITAE *Orientador Empresarial*, devidamente autorizada pelos mesmos.

VERITAE

Edições Trabalhistas, Previdenciárias e de Segurança e Saúde no Trabalho

ISSN 1981-7584

veritae@veritae.com.br

www.veritae.com.br

Estamos no Twitter! Follow us: www.twitter.com/VERITAE_NEWS

Visite-nos também no [Facebook!](#)